

Um olhar etnográfico sobre o atual cenário político e militar brasileiro

SARAH MOURA NUNES

RESENHA: LEIRNER, P. C. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida:** militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda, 2020.

O livro de Piero Leirner, publicado em 2020, é considerado uma referência nacional dentro do tema da chamada guerra híbrida. Doutor em Antropologia e professor da UFSCar, Piero Leirner escreve com a intenção de elucidar um fenômeno “novo” e que atravessa diversas esferas sociais, com ênfase nas eleições brasileiras de 2018. A obra adota uma perspectiva etnográfica e analisa a hipótese de que haja uma guerra híbrida no Brasil, caracterizada principalmente por utilizar recursos militares, antropológicos e psicológicos como “armas”, se distanciando da guerra convencional.

O autor perpassa os acontecimentos em outros países, como as revoluções coloridas que levaram à criação do conceito (KORYBKO, 2018). *D i s c o r r e* sobre as operações psicológicas incorporadas pelos militares e como atuam sobre a população. No caso brasileiro, organiza um breve panorama com as jornadas de junho de 2013 e as eleições presidenciais de 2018. O livro se divide em três grandes capítulos: o percurso da guerra híbrida no Brasil, as questões conceituais e o envolvimento dos militares brasileiros. Antes destes capítulos, temos a introdução que trata da ligação entre guerra e política a partir da literatura clássica, como por exemplo em *Da Guerra*, de Clausewitz, que traz a polêmica afirmação de que a guerra é a continuação da política.

SARAH MOURA NUNES

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará. Integrante do Observatório das Nacionalidades. E-mail: sarahmouranunes@gmail.com

Na guerra híbrida, a ligação entre guerra e política é tênue, pois o território de ação muda, ao ponto de não delimitar as fronteiras entre ambas, nem diferenciar seu começo ou fim, afetando a percepção de tempos de guerra e de paz, o que torna esta modalidade de confronto sangrento imperceptível e eficaz. A guerra híbrida, ou guerra “neocortical”, engloba atividades multimodais, sendo seu foco as operações psicológicas que atingem o processo cognitivo da população. Também pode ser chamada de guerra permanente, uma vez que seu maior objetivo é a obtenção de vantagens militares sem o uso da força bélica.

O processo da guerra híbrida se inicia no núcleo militar, mediante minuciosa coleta de informação, especialmente sobre o comportamento do indivíduo. Os valores culturais se tornam, então, de grande interesse para os militares, que conseguem conhecer melhor seus inimigos. Esse tipo de guerra gira principalmente em torno da informação/comunicação, o que propicia um campo eficaz para realização das operações psicológicas que alimentam propagandas, notícias e redes sociais, com a intenção de influenciar melhor o público a ser atingido. O objetivo central das operações psicológicas está em persuadir os indivíduos a internalizarem comportamentos e/ou ideias, como se fossem naturais. Os comportamentos gerados nesse contexto produzem divisões nos círculos próximos a esses indivíduos, e se espalham como informações, o que provoca uma dissonância cognitiva.

É importante que os indivíduos escolhidos como alvos nesse processo não sejam engajados para que possam desacreditar, por meio de propagandas, o líder político a ser atingido. A população passa a se mobilizar, o que abre espaço para instituições ou “heróis” nacionais, vistos como aqueles com capacidade de unir a nação. Nesse momento os militares reivindicam a identidade patriótica. As redes sociais são o atual ambiente mais amplo da guerra híbrida, que não se prende a fronteiras e territórios como a guerra convencional, e têm a função de bombas cognitivas, conforme o próprio autor. Possibilitam uma estratégia que não precisa obedecer a lógica hierárquica, além de conseguir atuar através de unidades individuais, o que acaba por descentralizar o inimigo e confundir o povo.

Dessa forma, os militares conseguem um campo de ação mais eficaz para implantar a noção binária amigo/inimigo, mas agora obedecendo uma lógica semi-integralista, que significa dizer que o civil é visto como um meio e como um amigo do exército, a fim de se estabelecer uma relação estratégica sem, no entanto, integrar o meio militar. (LEIRNER, 1997). Há um estreitamento de laços com a sociedade por meio da integralização dos símbolos que circulam a esfera militar e que amparam a imagem de herói nacional das forças armadas (LEIRNER, 2020).

Em contrapartida, para que a relação binária se estabeleça conforme os militares desejam, é necessário que haja um inimigo comum à sociedade civil e ao militar. Para isso, adotam uma tática de guerra não convencional, conhecida por *false flag*, que tem por objetivo inverter as ações de forma programada, com a intenção de transferir a responsabilidade das suas ações para o inimigo.

Outra tática militar conhecida é o ciclo de Observação, Orientação, Decisão e Ação (OODA), desenvolvido pelo coronel estadunidense John Boyd e utilizado como um dispositivo que explica a mente humana. Dessa forma, os militares começam uma ofensiva cognitiva, observando o inimigo e atuando sobre sua vontade de modo a que desista de lutar, sem necessariamente destruí-lo.

No caso do Brasil, a guerra híbrida vem se estabelecendo através da união e do patriotismo militar, do combate à corrupção e de setores religiosos para criar um inimigo interno. Sendo assim, o anticomunismo foi a narrativa encontrada para lembrar e mobilizar esses grupos (LEIRNER, 2020). Com uma tradição de grande influência e atuação na política, os militares brasileiros se sentiram ameaçados com o governo do Partido dos Trabalhadores (PT), principalmente a partir de 2011, com a criação da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Dessa forma, foi necessário agir no sentido de tornar o PT esse inimigo interno, o que teve início com as jornadas de junho de 2013. Leirner (2020) percebe nesse fato a semelhança com as revoluções coloridas de outros países.

Em 2014, com a operação Lava-Jato, montou-se o cenário para transformar o discurso de anticomunismo em antipetismo. A partir desse momento, começam operações psicológicas visando

difundir o discurso de que o PT dividiu o Brasil com a luta de classes, ou de que faz parte de uma organização criminoso, ou de que fomenta escolas com ideologia dominante marxista, entre outras.

Os militares se beneficiaram desse processo que culminou no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2015 e saíram como heróis nacionais capazes de articular espaço para sua volta ao governo com a eleição de Bolsonaro. Sua candidatura se apoiou no crescente antipetismo e anticorrupção que tomava conta dos brasileiros, surgindo como uma alternativa confiável, frente ao cenário de caos que era noticiado. O apoio da classe militar era demonstrado nas redes sociais, como o *Twitter* e o *Facebook*, e nas grandes mídias de televisão. O discurso agressivo do candidato ganhou repercussão na internet, principalmente através das *fake news*.

Piero Leirner chama atenção para os pontos que constituem a guerra híbrida – a camuflagem, a abordagem indireta e a criptografia – e que explicam os acontecimentos no Brasil entre 2012 a 2020. Isso o leva a crer na hipótese de uma guerra híbrida brasileira, através de uma “hegemonia cultural” articulada pelos militares, que têm por objetivo ocupar o centro do Estado sem comprometer suas reputações. Seu livro, portanto, se constitui leitura obrigatória, não somente para estudantes das ciências sociais e afins, mas para quaisquer pessoas interessadas em conhecer o pensamento militar brasileiro sob uma perspectiva etnográfica.

REFERÊNCIAS

KORYBKO, A. **Guerras híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LEIRNER, P. **Meia volta volver**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1997.

_____. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida**: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda, 2020.